

## A MULHER NA MINERAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES DO CURSO TÉCNICO INTEGRADO

Anike Fonseca de Medeiros <sup>1</sup>  
Jéssica Palloma Santos de Medeiros <sup>2</sup>  
Joelma Maria dos Santos <sup>3</sup>  
Rodolfo Rodrigues Medeiros <sup>4</sup>

### INTRODUÇÃO

A mineração é uma atividade importante para o desenvolvimento da região do Seridó Potiguar, e esse mercado movimenta muitos postos de trabalho. Entretanto, a participação das mulheres no setor ainda é baixa. E o presente trabalho, que é fruto de um projeto integrador desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN/Campus Parelhas, envolvendo as áreas de Filosofia e Mineração, propõe-se a tentar indicar alguns elementos que concorrem para esse quadro, analisando certos desafios enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho da mencionada área.

Pretende-se ainda identificar a percepção e perspectivas que estudantes do Curso Técnico de Nível Médio em Mineração (Integrado ao Ensino Médio) do referido *campus* apresentam com relação à atuação profissional na área e sobre a pretensão de ingresso em um curso superior relacionado ao setor.

O escrito abordará, de forma sucinta, a situação da mulher no mercado de trabalho, posteriormente o escopo volta-se especificamente para a mulher na mineração e, por fim, ocorrerá a análise de alguns dados relacionados à visão e expectativas das estudantes do Curso Técnico de Nível Médio em Mineração (Integrado ao Ensino Médio) do IFRN/*Campus* Parelhas sobre à possibilidade de atuação profissional na mineração ou do interesse em seguir em cursos superiores na área.

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso Técnico de Nível Médio em Mineração (Integrado) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN/Campus Parelhas. E-mail: [anike.m@escolar.ifrn.edu.br](mailto:anike.m@escolar.ifrn.edu.br);

<sup>2</sup> Estudante do Curso Técnico de Nível Médio em Mineração (Integrado) do IFRN/Campus Parelhas. E-mail: [jessica.palloma@escolar.ifrn.edu.br](mailto:jessica.palloma@escolar.ifrn.edu.br);

<sup>3</sup> Estudante do Curso Técnico de Nível Médio em Mineração (Integrado) do IFRN/Campus Parelhas. E-mail: [joelma.m@escolar.ifrn.edu.br](mailto:joelma.m@escolar.ifrn.edu.br);

<sup>4</sup> Professor orientador: Mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Docente de Filosofia do IFRN/Campus Parelhas. E-mail: [rodolfo.medeiros@escolar.ifrn.edu.br](mailto:rodolfo.medeiros@escolar.ifrn.edu.br)

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Para possibilitar o levantamento da percepção e perspectivas das estudantes do Curso Técnico de Nível Médio em Mineração (Integrado ao Ensino Médio) do IFRN/*Campus* Parelhas acerca do seu campo de atuação e da opção por cursos superiores na área deu-se a aplicação de entrevistas semiestruturadas, através de formulários online.

E para auxiliar na análise das respostas e na identificação e reflexão dos desafios enfrentados pelas mulheres nessa atividade profissional, a pesquisa fundamentou-se na revisão bibliográfica de escritos sobre a participação feminina no mercado de trabalho, com foco específico na mineração. Obras como *Mulheres no Mercado de Trabalho: onde nasce a desigualdade?* (ANDRADE, 2016), *Mulheres Invisíveis, mas Necessárias: a negação da feminização no trabalho da Mineração* (CARRILHO, 2016), *Mulheres na mineração: restituito quae sera tamem* (CASTLHOS; CASTRO, 2006) dentre outras ajudaram a constituir a base teórico-referencial deste trabalho.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Os dados dos Censos Demográficos do IBGE indicam que, em 1950, apenas 13,6% das mulheres eram economicamente ativas. Desde então, a participação feminina na População Economicamente Ativa (PEA) tem registrado um crescimento significativo e constante. Essa evolução é claramente refletida nos dados censitários, que mostram uma redução contínua da disparidade entre homens e mulheres na PEA entre 1950 e 2010. Enquanto a participação masculina na PEA caiu de 80,8% para 67,1%, a participação feminina mais que triplicou, saltando de 13,6% para 49,9%. Essa mudança ressalta a crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho e o impacto positivo dessa transformação na igualdade de gênero (ANDRADE, 2016).

Contudo, a participação das mulheres no mercado de trabalho é caracterizada pela ocupação de espaços precários e pela sobrecarga de responsabilidades. Além de suas atividades profissionais, elas continuam a assumir a tarefa de cuidar da família e dos filhos, acumulando funções tanto dentro quanto fora de casa. Essa realidade contribui para a perpetuação da divisão sexual do trabalho, uma estrutura social que reforça as desigualdades de gênero e garante o poder dominante dos homens (VALADARES; CARVALHO NETO; DINIZ, 2022). Nesse contexto, a família trabalhadora patriarcal se organiza de maneira que o marido é visto como o principal provedor, enquanto a esposa

assume o papel de dona de casa e colaboradora, resultando em uma divisão de trabalho desigual que deixa marcas até os dias de hoje.

Embora muitas mulheres estejam ativamente envolvidas na mineração, seu papel é frequentemente subestimado e considerado apenas uma extensão de suas atividades domésticas. Essa visão limita suas contribuições a uma mera ajuda à família, desconsiderando a complexidade e a importância de seu trabalho, que muitas vezes não é remunerado. Sabe-se, por exemplo, que “cerca de 18% das mulheres mineradoras no Brasil não são remuneradas, enquanto que a não remuneração entre os homens situa-se em torno de 3% (IBGE *apud* CASTILHOS; CASTRO, 2006, p. 47). Isso reflete essa realidade preocupante, evidenciando a invisibilidade e a desvalorização do trabalho feminino nesse setor.

Adicionalmente, em várias situações, a participação das mulheres na mineração é essencial, mas a falta de reconhecimento tanto por parte delas quanto dos homens perpetua a desvalorização de suas funções. Um exemplo claro dessa dinâmica pode ser observado na mineração artesanal de ouro na Bolívia, onde “as mulheres suprem a água necessária para os processos da mineração, mas não se sentem, nem são reconhecidas como mineiras” (CASTILHOS; CASTRO, 2006, p. 44). Essa ausência de reconhecimento não apenas afeta a autoestima e a autopercepção das mulheres, mas também limita seu acesso a benefícios e direitos relacionados ao trabalho, perpetuando desigualdades de gênero.

Historicamente, a mineração tem sido vista como uma atividade predominantemente masculina, associada a imagens de força e resistência física. Essa percepção não apenas limita a inclusão das mulheres no setor, mas também perpetua estereótipos que as posicionam como inadequadas para atividades consideradas “duras” ou “perigosas”. Esse tipo de percepção perpetua estereótipos e preconceitos que defendem a posição de que a atividade da mineração não é apropriada para mulheres (CARRILHO, 2016).

Além disso, outra evidência da desigualdade de gênero na mineração é a invisibilidade das mulheres no setor mineral. Essa invisibilidade se manifesta na falta de documentação e reconhecimento das contribuições femininas. Mesmo quando atuam em funções auxiliares, como cozinheiras, transportadoras ou até mesmo em atividades informais, suas contribuições frequentemente não são registradas ou valorizadas. Essa ausência de visibilidade impede que suas experiências e necessidades sejam consideradas

nas políticas de trabalho e nos debates sobre igualdade de gênero na mineração (CARRILHO, 2016; CASTILHOS; CASTRO, 2006).

Portanto, abordar a invisibilidade feminina na mineração é essencial para promover a equidade de gênero no setor. Isso implica não apenas reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres, mas também criar políticas que garantam seu direito a um ambiente de trabalho seguro e justo. A transformação dessa realidade depende de um esforço coletivo para desafiar estereótipos e reescrever narrativas que incluam a voz e a experiência das mulheres na mineração.

Essas questões evidenciam a necessidade urgente de um olhar mais crítico e inclusivo sobre o papel das mulheres na mineração, a fim de garantir que suas contribuições sejam adequadamente reconhecidas e valorizadas, além de possibilitar mudanças significativas nas estruturas de remuneração e reconhecimento no setor.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa buscou levantar a percepção de estudantes do Técnico de Nível Médio em Mineração (Integrado ao Ensino Médio) do IFRN/Campus Parelhas sobre a possibilidade e interesse em atuar como técnica na área ou seguir para uma graduação ligada à mineração.

Os dados foram coletados por meio de um questionário distribuído em quatro turmas do referido curso, do segundo ao quarto ano. Foram entrevistadas 21 (vinte e uma) pessoas sobre suas percepções em relação a uma carreira na área de mineração. Dentre os entrevistados, 10 (dez) afirmaram que pretendem seguir carreiras ligadas à área, 4 (quatro) não querem seguir na área e 7 (sete) expressaram indecisão.

Os principais motivos para seguir na área incluem boas perspectivas de trabalho, interesse pela área e influência familiar. A opção por não seguir na área está atelada à preocupações sobre as condições de trabalho, segurança e falta de identificação com as atividades mineradoras. Já a incerteza ou dúvida a respeito de seguir ou não na área pode estar ligada a fatores a percepção das exigências da profissão, preocupação com a segurança e ainda a influência de estereótipos de gênero que permeiam o campo.

Os dados coletados sugerem que, embora haja interesse em seguir na área e haja alguma visibilidade feminina, ainda há uma percepção de baixa representação feminina

na carreira, ocasionada por problemas como “dupla jornada”, o machismo, a desigualdade de gênero (CARRILHO, 2016; CASTILHOS; CASTRO, 2006).

No que concerne aos aspectos positivos da área, percebidos durante o curso, os entrevistados citam as experiências práticas, qualidade dos professores e abrangência do curso. Já os aspectos negativos incluem poluição ambiental, falta de vocação de alguns professores e alunos, predominância masculina nos cargos de liderança, riscos à saúde. Ademais, poucas alunas conhecem professoras formadas em mineração, o que pode levar a um desinteresse na área devido à falta de apoio e inspiração.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa com estudantes do Curso Técnico de Mineração do Campus escolhido mostra que a maioria está interessada na área, atraída por boas perspectivas de trabalho e influência familiar. No entanto, há preocupações com poluição, predominância masculina em liderança e riscos à saúde. Apesar dos aspectos positivos do curso, a escassez de professoras pode desmotivar alunas e, para melhorar a inclusão na área de mineração, é necessário enfrentar os desafios citados e oferecer mais apoio às estudantes.

Os dados revelam também a necessidade de um maior incentivo e suporte para os estudantes que se interessam pela mineração, bem como a importância de abordar as preocupações e incertezas que podem estar influenciando a decisão de carreira de muitos deles. Esses aspectos podem ser reforçados ao longo do curso, aumentando a informação e identificação com a área.

**Palavras-chave:** Mulheres, Mineração, Invisibilidade, Desigualdade de Gênero. Perspectivas das Estudantes.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos aos nossos pais, pelo apoio incondicional e constante incentivo ao longo de nossa trajetória acadêmica. Agradecemos também ao nosso orientador, cuja orientação e disponibilidade foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Finalmente, estendemos nossa gratidão à instituição, que nos proporcionou os recursos e o ambiente necessários para a realização deste projeto.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Tânia. **Mulheres no Mercado de Trabalho: onde nasce a desigualdade?** Brasília: Câmara dos Deputados/Consultoria Legislativa, 2016.

CARRILHO, Anabelle. **Mulheres Invisíveis, mas Necessárias: a negação da feminização no trabalho da Mineração.** Tese (Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília – UnB/Programa de Pós-Graduação em Política Social – PPGPS, 2016.

VALADARES, Sabrina Silva; CARVALHO NETO, Antônio Moreira de; DINIZ, Daniela Martins. Mulheres na Mineração: carreira, equilíbrio trabalho-família e discriminação. In: **RGO - Revista Gestão Organizacional**, Chapecó, v. 15, n. 1, p. 167-186, jan./abr., 2022.

CASTILHOS, Z. C.; CASTRO, N. F. Mulheres na mineração: restituo quae sera tamem. In: CASTILHO Z. C. *et al.* (Orgs.). **Gênero e Trabalho Infantil na Pequena Mineração: Brasil, Peru, Argentina Bolívia.** Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2006, p. 41-64.